

O Handebol como objeto de estudo e o desenvolvimento do jogo de handebol na visão de Pablo Juan Greco

Lucídio Rocha Santos^{1*}

¹ Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Amazonas

* Autor correspondente: lucidio@ufam.edu.br

Introdução

Pensar o desenvolvimento do handebol brasileiro requer pensar de forma integrativa, acerca de todas as formas de expressão esportiva pelas quais o handebol se manifesta, sem deixar no plano secundário a análise de como esta modalidade, enquanto objeto de estudo, tem sido tratada no ambiente acadêmico.

A relação dicotomizada entre a teoria e a prática, entre os teóricos/pesquisadores dos laboratórios e os treinadores/práticos da beira da quadra, deixou de fazer sentido e, para explicar a dinâmica do jogo, seus sistemas organizacionais, a detecção e seleção de atletas, os modelos de treino e de jogo, a formação de treinadores, bem como a gestão e prognose do sucesso no jogo, faz-se necessário um estreitamento na relação entre a quadra e a academia.

É na perspectiva de uma estreita relação de domínio e troca de conhecimentos que a Revista Brasileira de Handebol se apresenta como uma ação estratégica para que tais conhecimentos estejam acessíveis a todos, oportunizando à comunidade do handebol brasileiro e internacional um espaço democrático e didático de difusão, discussão e de estudo reflexivo sobre o handebol.

Inaugurando esse espaço, tivemos a honra e o privilégio de entrevistar o Prof. Dr. Pablo Juan Greco, Professor Titular da Universidade Federal de Minas Gerais – UFGM, que acumula cerca de 54 anos de trabalho como professor, pesquisador e treinador de handebol, no Brasil e na Europa. O professor Pablo Greco sempre balizou sua prática profissional pela perspectiva da interação entre o âmbito técnico com o âmbito acadêmico do jogo de handebol. Além disso, foi um grande idealizador desta Revista, por esse e tantos outros motivos, fizemos questão de neste volume inaugural, prestar-lhe essa singela homenagem como um pequeno, porém significativo gesto que representa a nossa gratidão e admiração.



Desde o início ... com o handebol

As primeiras experiências do Prof. Pablo Greco com a modalidade handebol se deram na Argentina, seu país natal, na escola de segundo grau, onde se formou professor, na Argentina chama-se de “maestro”, em 1969. Quando estava no último ano da escola também foi treinador da equipe de handebol da escola, “teve a oportunidade de ser treinador dos meus colegas de escola”. Nas categorias de base foi jogador do River Plate e passou por vários clubes da Argentina, entre eles no INEF de Buenos Aires, equipe do professorado de educação física. Foi treinador de vários clubes como por exemplo “Club Comunicações” e de equipes escolares de handebol, como o da escola Goethe.

Ao terminar o ensino médio foi estudar Educação Física em Buenos Aires, formando-se professor de Educação Física, em 1973. Nesse período, destaca a figura do Professor Alfredo Miri, professor de handebol, formador de muitos treinadores de handebol na Argentina na época. Em 1975, faz o curso nacional de treinadores de handebol.

Em 1981, conseguiu uma bolsa de estudos para fazer o curso de especialização em handebol, na Escola de Esportes de Colônia, na Alemanha. Posteriormente, pela federação alemã, tirou a licença B e cursou a licença A de treinadores. Trabalhou como treinador de equipes de handebol feminino na cidade que morava (Kaiserlautern, onde em 1985 jogou a seleção universitária masculina do Brasil). Fez o mestrado na Universidade de Heidelberg e teve a sua dissertação, “*O treinamento da percepção e tomada de decisão dos jogadores de handebol*”, que foi publicada como livro em 1987 e bastante utilizada na época, nos cursos de treinadores da Federação Alemã, pelas ideias sobre o processo de treinamento da percepção e da tomada de decisão.

A vinda para o Brasil...

Na Alemanha, conheceu a profa. Maria Eugênia Minelli Figueira, brasileira que ali fazia doutorado, na área da engenharia química, com quem se casou. Em 1987, após finalizar o mestrado, vem para o Brasil e é contratado como professor visitante, em 1988, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde trabalhou por dois anos nessa condição, até ser aprovado em concurso público e tornar-se professor permanente da UFMG, onde foi também diretor da unidade e chegou a Professor Titular.

Fiz a carreira acadêmica saindo da área da beira da quadra passando mais para dentro da sala de aula ou para a beira da quadra como professor e não treinador, porque, lamentavelmente, aqui em Minas o handebol foi perdendo muito a sua popularidade: (informação verbal).

Em Minas Gerais, trabalhou com o handebol escolar, participando de vários Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), obtendo dois quartos lugares por Minas Gerais, em Brasília e Santa Catarina.

O professor Pablo Greco destacou as figuras dos professores Ataíde Lacerda, Lincoln Raso, Isabel Montandom e Ivani Bonfim como pessoas de referência no handebol em Belo Horizonte, responsáveis pela formação de jogadores.

O handebol na academia

Questionado acerca do interesse dos estudantes da pós-graduação no estudo do handebol, o professor Pablo Greco foi categórico em afirmar que (em Minas Gerais) são poucos os estudantes interessados em estudar o handebol, já que de uma centena de orientandos no laboratório que coordena, o Centro de Estudos de Cognição e Ação (CECA), aproximadamente dez elegeram o handebol como tema de estudo. A propósito das justificativas para esse baixo nível de interesse, o professor Pablo acredita que ocorre com todas as modalidades esportivas coletivas, em todo o Brasil, o esporte é utilizado como “amostra”, mas não como objeto de estudo em relação ao seu desenvolvimento. Destaca ainda que a prática dessas modalidades no ambiente escolar vem decrescendo, o que repercute no grau de importância atribuído à prática esportiva como um elemento de socialização, como um elemento de formação da personalidade dos estudantes.

Outro dado importante acerca desse desinteresse, trazido pelo professor Pablo, é a crescente diminuição da carga horária da disciplina handebol e das outras modalidades coletivas nos cursos de Educação Física, tanto nas Licenciaturas quanto nos Bacharelados, o que repercute na formação de professores conhecedores da modalidade. A justificativa para tal quadro é, segundo o professor, o foco maior dado nos currículos da área da saúde, para a área das academias, e, lamentavelmente, o esporte deixou de ser visto como um elemento promotor da saúde, de formação, de socialização, de integração, de desenvolvimento.

Você tem aquele aluno que praticou esportes no clube de forma competitiva e ele vai à universidade com intuito de continuar nesse caminho, mas não consegue. Se você se formar hoje como um professor de Educação Física, vamos supor que você é ex-jogador de handebol, você não tem carreira de treinador, e se você continuar, digamos assim, crescendo, você não tem essa possibilidade. Hoje a possibilidade acadêmica é um mestrado ou doutorado, mas um mestrado e doutorado pela forma com que é o direcionamento para a

produção acadêmica, ele te afasta daquilo que é a prática da modalidade: a beira da quadra. Então você tem muito trabalhos na área da fisiologia, muito trabalho na área da ortopedia, mas na área, por exemplo, da metodologia de ensino, na área do treinamento técnico, da tática, da análise do jogo, você não tem. Essa produção é muito escassa, coisa que, por exemplo, não ocorre na Europa, se você ver nos anais dos Congressos europeus de handebol, da federação europeia de handebol, tem uma área específica de análise de jogo, tem uma área específica de treinamento esportivo, tem uma área específica esporte e mulher, uma área específica para gênero, uma área específica para a parte de fisiologia, de treinamento físico, metodologia do treino, etc. Ou seja, lá o handebol é estudado em todas suas vias e direções e com possibilidade de publicação em revistas de peso. No Brasil, nós estamos muito longe disso, lamentavelmente. (informação verbal).¹

Para onde caminha o handebol na academia?

Questionado acerca de qual seria o caminho para o crescimento interesse do estudo do handebol e das outras modalidades coletivas no âmbito acadêmico brasileiro, o professor Pablo chamou a atenção para a complexidade da questão, o que, em sua opinião, implica dizer que “[...] esse problema não tem uma solução única, você tem que atacá-lo em várias frentes, com várias medidas, mas a aproximação entre a academia e a área da prática esportiva é fundamental para o progresso de qualquer modalidade esportiva [...]”. Também foi categórico em afirmar

É fundamental a formação de treinadores para a gente ter uma melhor qualidade com o produto que a gente oferece. Você vê um jogo por exemplo da Liga Europeia de Campeões, é uma coisa totalmente diferente de você ver um jogo na liga do Brasil, com todo respeito a todos os participantes”. (informação verbal)¹.

Na opinião do prof. Pablo, para chegarmos a esse nível competitivo:

Faz-se necessário muito trabalho, muita capacitação de recursos humanos, jogadores, treinadores, dirigentes, etc. para que? para que a modalidade tenha transcendência que ela pode alcançar. Na realidade, por exemplo, a revista, a formação de treinadores, o aumento da quantidade de locais onde se realiza a prática da modalidade. Na escola não faz sentido formar campeões, mas é preciso saber se a escola oportuniza a prática esportiva e qual é a qualidade dessa prática. Daí vem um segundo problema, qual é essa qualidade como que essa oportunidade se dá? Não é questão de formar um campeão, mas sim de dar oportunidade de aprendizado, de desenvolvimento com qualidade que permita que a criança se interesse e que se desenvolva no âmbito do esporte e se ela quer ser um esportista, que ela entre na parte competitiva. (informação verbal)¹.

E ainda complementa:

Aí vai reunir todos os outros elementos necessários para tal, mas essa oportunidade ela está sendo oferecida? Isso é um problema bastante grave. Por exemplo, o futebol já se queixa da falta de jogo na rua e nós (do handebol) que não tivemos o jogo na rua, como é que nós podemos fazer com o handebol? O problema do handebol é o mesmo do basquete e do próprio voleibol que já tem uma estrutura um pouco melhor. Uma estrutura que se consolidou lentamente e hoje tem uma construção a longo prazo sem sobressaltos, coisa que o nosso handebol tem tido muito e esse é um problema delicado. (informação verbal)¹.

Os desafios do handebol brasileiro...

¹ Entrevista concedida para a Editora-chefe da Revista Brasileira de Handebol, Priscilla Ferronato, via Zoom, em setembro de 2021.

Suscitado a comentar sobre os problemas do handebol brasileiro, tanto na base quanto na continuidade da prática do handebol no Brasil, o prof. Pablo posicionou-se da seguinte forma:

Eu joguei e trabalhei na Argentina, estive na Alemanha e trabalhei na Alemanha. Tive a oportunidade de estar na França e ver como se trabalha na França, na Espanha, na ex-Iugoslávia, em Portugal, e eu vejo como é que nós trabalhamos aqui no Brasil. Eu não tenho dúvida de que o jogador brasileiro é diferente de todos os outros, ele é diferente do argentino, ele é diferente do alemão, ele é diferente do espanhol. Nós temos diferenças, então precisamos encontrar, como encontraram no Egito, como encontraram nos países da Ásia, uma filosofia de jogo nossa, uma filosofia da formação do nosso jogador, e para ter essa filosofia é necessário realmente somar forças no sentido de trazer diferentes opiniões, diferentes formas de trabalho, que faça com que o handebol cresça. Tivemos trabalhando no Brasil um treinador de excepcional qualidade, Juan Oliver Coronado, no handebol feminino. Depois dele o dinamarquês (Morten Souback). O trabalho do Jordi Ribera (desde os acampamentos até o trabalho com seleções) também foi um trabalho excelente, muito importante, mas nós precisamos que isso se consolide, que isso tenha estabilidade ao longo do tempo, mas que além da estabilidade o trabalho tem que ter ramificação, uma capilarização maior. (informação verbal)¹.

Buscando contextualizar tais pensamentos com a grandeza e diversidade características do Brasil, foi posto ao Prof. Pablo o desafio de equacionar a melhor estratégia para adequar o melhor de cada região no intuito de formatar um modelo próprio. O professor Pablo destacou que é fundamental unificar sem tirar a individualidade de cada região, mas chamou a atenção para o fato:

Há estados onde o handebol está totalmente “morto”, não tem participação, não tem expressão, isso não é bom. Precisamos de alguma forma capilarizar mais e além de capilarizar mais, precisamos capilarizar com uma certa qualidade, então o processo de formação de recursos humanos e o processo de organização estruturada de participação, seja em campeonatos ou festivais etc., tem que estar mais estruturado, organizado. (informação verbal)¹.

Quanto ao papel das políticas públicas de apoio ao esporte o professor posicionou-se de forma cética a esse respeito, afirmando que é preciso trabalhar duro para ultrapassar o mau momento que vivemos no handebol brasileiro e acrescentou:

Lamentavelmente, o handebol não se preparou para esse tipo de situações. Lamentavelmente, durante muito tempo, nós vivemos dependendo de políticas públicas, isso não é bom, não pode ser a nossa base, ela é importante, mas não pode ser a única, e nós fizemos isso durante muito tempo. Esquecemos o processo de formação de recursos humanos em diferentes níveis, nas suas diferentes áreas e estratos, esquecemos do processo de divulgação de informação, de veicular e promover. O handebol mudou muito, o ensino do handebol mudou muito e, no Brasil, nos últimos 20 anos, eu acho que houve em alguns espaços um avanço grande, mas também houve um estancamento muito grande em muitos espaços importantes de condução. (informação verbal)¹.

Suscitado a fazer uma autocrítica acerca da sua trajetória pessoal no âmbito da sua história no handebol, o professor Pablo foi enfático em afirmar que tem por filosofia de vida a seguinte atitude:

Não olho para trás. Se penso sobre uma coisa que poderia ter sido melhor, eu sou muito “cabeça dura” no sentido de que eu penso o seguinte: olha eu já fiz, não tem como voltar atrás, então aquilo que foi feito foi a

decisão que eu achei que era melhor que eu podia tomar naquele momento. Quando você analisa 5 anos depois, pode ter sido um desastre, mas naquele momento era aquilo que você pensava que era melhor. Então, eu não olho para trás no sentido de procurar alguma coisa que faça com que eu tenha um arrependimento, uma recordação ruim. Passou, agora, uso essa experiência para fazer melhor nas novas situações. (informação verbal)¹.

E ainda complementa:

“O que eu gostaria de fazer é, por exemplo, ver algumas coisas que ainda não consegui fazer, por exemplo: ver a revista do Handebol crescer; ver os encontros de professores no congresso universitário de professores handebol com alta qualidade na pesquisa, mas com aplicabilidade para a prática; ver um diálogo maduro, forte, importante, um diálogo de igualdade entre a academia e a prática e o treinamento, coisas que façam com que o nosso handebol tenha bases sólidas para crescer, isso eu ainda gostaria de ver ... ver campeonatos tanto estaduais quanto nacionais, com muito público, com gente vai a um jogo de handebol para ver um espetáculo, um jogo de handebol que o chame, o interesse”. (informação verbal)¹.

O que pode ser feito...

Finalizando, foi solicitado ao professor Pablo Greco que expusesse seu ponto de vista sobre o que pode ser feito de diferente para apoiar aqueles que estão começando uma carreira no handebol, quer na área técnica ou na área acadêmica, em que elas deveriam investir? O professor Pablo Greco foi enfático e destacou que “[...] em conhecimento, estudar é fundamental. Principalmente, hoje, na velocidade com que o conhecimento evolui, na quantidade de informação que circula nas redes, nas mídias sociais etc. [...]”.

Mas também alertou que:

Hoje você tem muita informação, informação que pode ser boa, informação que pode ser ruim. Então você precisa que o conhecimento consiga te ajudar a diferenciar uma informação da outra, então estudar, o conhecimento é fundamental ... Ter um comportamento ético, eu considero como a base extremamente importante das relações intra e interpessoais. Além da questão ética, eu acho que é, semear no sentido de que o resultado não chega de um dia para o outro, é necessário que se trabalhe... tem uma coisa que eu vejo que a nossa juventude hoje não tem, que é semear e ter perseverança, resiliência com as dificuldades, e não se deixar vencer pelas dificuldades. Posso adiar algumas coisas, mas se continuar tentando, lutando por elas, por aqueles ideais, por aquelas metas que eu me tracei, o correr atrás delas me fazem sentir melhor. Então eu acho que tanto na carreira de treinador, quanto na carreira acadêmica, o estudo, o conhecimento para saber diferenciar essa enxurrada de informação e saber aplicá-la, mas aplicá-la com um sentido ético muita moral naquilo que eu estou realizando, quero ver realizar e muita perseverança porque as coisas elas dão resultado no longo prazo. (informação verbal)¹.

Foi então destacado pela entrevistadora “[...] nem sempre vamos colher os frutos que plantamos com o nosso trabalho, mas a modalidade certamente vai [...]”. Ao que o professor Pablo acrescentou, “[...] exatamente isso seria o grande aporte que nós fazemos nessa passagem que nós temos por aqui [...]” (informação verbal)¹.

Após os devidos agradecimentos, a entrevista foi finalizada. Para os leitores da Revista Brasileira de Handebol, fica eternizado esse registro de um trabalho sério de paixão pelo



BRASIL

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL

Filiada à International Handball Federation
Confederación Sur Centro Americano de Balonmano
Comitê Olímpico do Brasil

12

esporte, que buscou incansavelmente uma aliança robusta entre a academia e o “chão da quadra” em todos os níveis da modalidade.

Referência: GRECO. P. J. **Uma vida para o Handebol**. [Entrevista concedida à Priscilla Ferronato, editora-chefe da Revista Brasileira de Handebol]. Revista Brasileira de Handebol, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 1-6, abril, 2022.